



Românticos: a rotina e os valores dos jornalistas porto-alegrense da geração de 1940

Vicente MEDEIROS¹

RESUMO

Este trabalho promove uma reflexão a respeito da rotina e dos valores profissionais e pessoais de nove jornalistas porto-alegrenses que iniciaram sua trajetória entre os anos de 1940 e 1960 e esforça-se em contribuir para recuperar e preservar o momento da história do jornalismo gaúcho mais antigo que se pode ter acesso por meio de seus agentes atualmente. Os depoimentos foram obtidos a partir de pesquisa baseada em entrevistas e no levantamento de informações originadas da história oral. O apanhado conclusivo mostra que, principalmente: o jornalista conseguia desenvolver suas atividades de forma menos cerceada no passado; o avanço tecnológico, por um lado, facilitou os processos de captação da informação, mas, por outro, diminuiu a presença do jornalista nos locais onde os acontecimentos se desdobram; a imprensa organizou-se em rubricas e editorias que contribuíram para a rotinização da profissão; os repórteres mais antigos passavam por processos de formação profissional mais desafiadores, com menos instrução sobre a realização das tarefas; a relação entre jornalista e fonte de informação é encarada como uma necessidade de postura ética por parte do repórter; e, por fim, essa geração viveu uma atmosfera mais romântica da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalistas; rotina; valores.

1. Introdução

De 1940 a 1980, Porto Alegre (RS) viveu uma sequência evolutiva interessante na tiragem de seus jornais: de 65 milhões para 260 milhões (RÜDIGER, 2003). Foi próximo dos anos 40, também, que se reconstruiu a Associação Rio-Grandense de Imprensa (1936) e que se criou o Sindicato dos Jornalistas (1942), entidades relevantes para o desenvolvimento e a profissionalização do jornalismo gaúcho. Da mesma forma, nesse recorte temporal, as redações de jornais impressos, de rádios e de emissoras de televisão foram impactadas por novas tecnologias de impressão, de captação, de edição e de apresentação, responsáveis pela implementação de novos processos de trabalho e consequente alteração na velocidade e na forma como a notícia passou a ser produzida.

Regionalmente, nesse período, a imprensa gaúcha foi aquela do *jornalismo informativo moderno* (RÜDIGER, 2003), quando as grandes empresas jornalísticas fundiram-se com emissoras de rádio e televisão, transformando-se em conglomerados de comunicação, e fazendo com que a imprensa ingressasse no estágio da indústria cultural. Em termos mais amplos, o intervalo é aquele transitório entre o *terceiro* e o

¹ Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Especialista em Psicologia Social pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia). Contato: vicentemedeiros@gmail.com.



quarto jornalismo (MARCONDES FILHO, 2002), ou seja, o valor pedagógico da imprensa cedeu espaço para um modelo sincronizado com as exigências do capital (imprensa como negócio), passando a vigorar a “indústria da consciência”, com uma imprensa monopolista, marcada pelo surgimento de grandes rubricas e chegando a um modelo de informação eletrônica e interativa que perdura até o presente.

A linha investigativa condutora deste projeto, todavia, não se desenvolve tanto por asserções teóricas de caráter histórico-sociológico para analisar traços do modelo jornalístico presente em Porto Alegre na década de 1940. Faz uso dessas premissas. Seu contributo reside na reconstrução e na elaboração dos pontos de vista, das experiências, das visões e das análises extraídas dos próprios sujeitos que, em parte, foram agentes dos processos de mudança; em parte, foram também padecentes das metamorfoses silenciosas, mas profundas, que reprogramaram a práxis jornalística. Nessa investigação, escutou-se e analisou-se o depoimento de nove jornalistas que iniciaram sua trajetória profissional entre os anos de 1940 e 1960 – sendo, por isso, nomeados “geração de 40”. São eles: Carlos Bastos, Celito De Grandi, Jayme Copstein, Jayme Sirotsky, Joseph Zukauskas, Liberato Vieira da Cunha, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann e Walter Galvani.

Antes de registrar e analisar criticamente o substrato dos diálogos – cuja duração ultrapassou uma hora e meia de conversa cada –, serão pontuadas sinteticamente, nas páginas seguintes, as linhas teóricas das quais partiu-se para construir o arcabouço conceitual que abriga e limita o quadro deste trabalho. Sobretudo, são aportados elementos da matriz da prática jornalística somada a análises sobre as fontes de informação e sua dinâmica de relação com os produtores da notícia, especialmente, com autores como Marcondes Filho (2002), Rüdiger (2003) e Neveu (2006). Posteriormente, entra-se na elaboração dos depoimentos dos nove jornalistas rememorando momentos-chave de suas carreiras, desafios, rotinas, características e avaliações do trabalho jornalístico e da imprensa na época, entre outros aspectos, que auxiliam a reconstruir e preservar o momento da história do jornalismo gaúcho mais antigo que se pode ter acesso por meio de seus agentes atualmente. Ao final, são elencados os principais valores extraídos do diálogo com os jornalistas e promovidas reflexões e análises críticas sobre os pontos considerados mais relevantes a esta pesquisa.

2. Fundamentação teórica



O jornalismo, assim como o conhecemos hoje, é fruto de um longo processo transformacional que a sociedade vem vivendo desde o século 18. Com a obra de Marcondes Filho (2002), torna-se possível vislumbrar um panorama histórico da atividade, segmentado em cinco etapas, para melhor compreender sua evolução.

- Pré-história (1631-1789), do tipo artesanal, carrega valores jornalísticos como o espetacular e o singularmente novo (desastres, mortes, seres deformados, reis etc.). Seu meio ainda assemelhava-se ao livro e era produzido por um empreendedor isolado.

- Primeiro Jornalismo (1789-1830), do tipo político-literário, trazia a razão, o questionamento da autoridade, a crítica da política e a confiança no progresso. Era o jornalismo da “iluminação”. É neste momento que se estabelecem a profissionalização da atividade e as redações. Seus agentes eram políticos, escritores, críticos e cientistas. Aqui, os fins econômicos ficavam em segundo plano e os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política.

- Segundo Jornalismo (1830 a aproximadamente 1900), tido como imprensa de massa, em que primava o “furo”, a atualidade, a “neutralidade”. Feito por jornalistas, no Segundo Jornalismo criam-se as reportagens, as enquetes, as entrevistas, as manchetes e o investimento nas capas, logotipo e chamadas de primeira página. Neste momento, impulsionado pela Revolução Industrial, o jornalismo sofre seu primeiro grande impacto de natureza tecnológica, que mudaria visivelmente sua atividade: a invenção da rotativa e dos processos de produção de jornais em massa. Também surge a mecânica por linotipos, o telégrafo e o telefone. As verbas publicitárias assumem papel preponderante nas receitas e o jornal, organizado como empresa, passa a ter que dar lucro. Observa-se também o aumento substancial das tiragens. O valor pedagógico cede espaço à imprensa sintonizada com as exigências do capital (imprensa como negócio).

- Entre 1900 e 1960, o autor aponta um Terceiro Jornalismo, do tipo imprensa monopolista. Surgem as grandes rubricas políticas ou literárias e as páginas-magazines: esporte, cinema, rádio, teatro, turismo, infantil, feminina etc., e verifica-se ainda mais influência da indústria publicitária e das relações públicas. Neste momento, a atividade era gerida por jornalistas, publicitários e relações públicas, que promovem a “indústria da consciência”, na qual a audácia e a criatividade jornalística perdem terreno para o conformismo e para a repetitividade mercadológica.

- Por último, identifica-se um Quarto Jornalismo, do tipo informação eletrônica e interativa, surgido por volta de 1970 e que perdura até o presente. Aqui, o jornalismo sofre sua segunda grande inovação: as tecnologias de comunicação e informação.



Marcado por impactos visuais, velocidade e transparência, este momento é caracterizado pelas implantações tecnológicas com consecutivo barateamento da produção, alteração das funções do jornalista e toda a sociedade produzindo informação. Observa-se a crise da imprensa escrita.

Outro autor, Schudson (2010), esclarece que a notícia era algo mais ou menos “inventado” nos anos de 1830 e que o repórter também foi uma invenção social dos anos de 1880 e de 1890. O modelo jornalístico no período indicado pelo autor se constituía, essencialmente, de um exército de um homem só (encontrado até o presente em jornais de pequeno porte), e foi nessa época, também, que instaurou-se a contratação efetiva de repórteres, fato marcante no desenvolvimento da imprensa mundial.

O autor identifica um movimento relevante de mudança com a revolução da *penny press*, jornais populares vendidos ao valor de um *penny*, ou um centavo, que redirecionou o jogo econômico e social norte-americano do século 19. Como ele mesmo explica: “Essa revolução levou ao triunfo da ‘notícia’ sobre o editorial e dos ‘fatos’ sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia e do mercado, e que, com o tempo, conduziria à incômoda submissão do jornalista à objetividade” (SCHUDSON, 2010, p.25).

Em relação ao modelo europeu, Neveu (2006) resgata o jornalismo francês, que auxilia a visualizar como as práticas anglo-americanas foram absorvidas e também qual o contributo da escola francesa para a formalização de um molde mundial. O autor aponta que o primeiro traço desse jornalismo é a tradição de cooperação, ou seja, até o nascimento da imprensa popular na *Belle Époque*, trabalhar para um jornal significava posição de expectativa pelas carreiras da literatura e da política. Nenhuma competência profissional específica era exigida. Era a época do jornalismo literário (MARCONDES FILHO, 2002), quando os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política.

E este é, justamente, outro movimento registrado pelo modelo francês: o político. Para os eleitos, ter controle sobre um diário era estratégico, porque as páginas funcionavam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias (MARCONDES FILHO, 2002). Mas é sobretudo o esforço por traço estilístico brilhante que, substancialmente, diferencia o modelo francês do anglo-americano.



A excelência profissional se fixa sobre o domínio e o brio do estilo, a capacidade de defender uma linha editorial. Os conteúdos de informação jornalística, que valorizam críticas, pequenos artigos e crônicas, traduzem o peso do comentário, de um metadiscorso sobre a atualidade que privilegia a expressão das opiniões e transforma o acontecimento em pretexto para exercícios de estilo brilhantes e desenvoltos (NEVEU, 2006, p.29).

A revolução das fontes (CHAPARRO, 2007) também pode ser elencada como um dos aspectos que causou impactos profundos no processo de produção da notícia. Na concepção do autor, os sujeitos institucionalizados se capacitaram para interferir na pauta jornalística e utilizá-la como espaço público para agir e interagir no mundo. Como bem frisa Gomis (2004, p.103), “[...] os fatos a que se dará forma de notícia foram previamente escolhidos e isolados dos processos, de alguma ‘ação em marcha’, pelos interessados em que o fato seja conhecido”.

Quem também se debruça sobre o tema da negociação entre jornalista e fonte de informação é Santos (1997). Na última parte de sua obra, expõe que a relação entre os pares é uma luta e um negócio permanentes. Para ilustrar essa proposição, o autor elenca estratégias utilizadas pelas fontes para atrair o jornalista e a forma que este se vale para colher informações com maior profundidade.

As fontes são especializadas na arte de dar certas quantidades de informação, não toda a informação, que constituem-se como “filtros”. O jornalista, porém, colhe sempre mais dados do que a fonte pretende dar. Um porta-voz, mesmo muito treinado, pode libertar aquilo que não deve dar, durante uma conversa. Ao jornalista chega um simples indício para prosseguir investigação. Esta continua no contato com outras fontes, que podem satisfazer as suspeitas do jornalista (SANTOS, 1997, p.164).

Outras técnicas elaboradas pelas fontes incluem a persuasão, pressão, manipulação – em casos de fontes oficiais – e marcação da agenda política, num pendular entre confiança e suspeita contínuas, que parece ser de amor e de ódio. Já a importância da fonte pode ser vista sob três aspectos: relacionamento entre jornalista e fonte; o fato de a fonte não atuar de forma desinteressada; e a conclusão de que quanto mais alta a posição da fonte, mais confiança merece.

Essa breve recuperação teórica foi proposta no sentido de pontuar, na história do jornalismo, características e transformações que reorientaram o modelo de trabalho e seu papel no jogo social. Em síntese, enxerga-se que a metamorfose definitiva pela qual a atividade passou foi de que o jornalismo caminhou de um modelo informal, praticado por agentes sem uma preparação específica, para uma prática profissionalizada,



enquadrada em rubricas e movida por uma rotina e processos semelhantes em todo o mundo. De um modo ou outro, a proposta deste trabalho é também confirmar essa hipótese ao analisar o depoimento dos jornalistas porto-alegrenses da geração de 40.

3. O jornalismo segundo a geração de 40

São apresentados, a seguir, os depoimentos e consequente elaboração das entrevistas realizadas com os nove jornalistas que começaram sua carreira entre os anos de 1940 e 1960. Os diálogos centraram-se, sobretudo, em temas como biografia, concepções a respeito do trabalho jornalístico, relacionamento com as fontes de informação e especificidades da rotina.

Na visão de **Joseph Zukauskas**², a rotina imbeciliza o repórter. O jornalista iniciou sua carreira na Revista do Globo, em 1952. Em média, produzia de uma a duas matérias por quinzena sobre temas que ele próprio julgava relevantes. Não havia a figura do pauteiro. Também não havia rotina. Considerava essa incerteza estimulante, sobretudo porque mantinha acesa uma característica para ele radical ao repórter: a curiosidade. “O repórter é o cara que passa por uma aglomeração humana e para”. A única sistematização que figurava na revista era sua divisão em alguns setores (polícia, esporte, política). O restante era considerado “geral”. Essa setorização mostrou-se mais presente a ele quando trabalhou na Folha da Tarde, em que se concentrou na cobertura dos acontecimentos da Prefeitura de Porto Alegre. Relata que acompanhou a trajetória de quatro prefeitos da cidade. Nas pautas, na maioria dos casos, chegava direto ao prefeito, mas aprendeu que “uma autoridade não é enciclopédia”, então procurou abrir espaços, novos canais de informação nas secretarias com os secretários, marcando assim uma atitude proativa. Comenta, igualmente, que também jornalista não precisa “ser uma enciclopédia” e que, por isso, necessita saber a quem buscar apoio ou “socorro”, pontuando a característica da humildade como necessária ao repórter. Sobre este, afirma: “A base do jornalismo é o repórter. O cara é largado num território inimigo e tem poucos momentos para se ambientar e se salvar (onde estou e o que fazer). Tem a missão de investigar isso, entrevistar alguém etc.”. Lembra que, naquela época, as fontes não concediam entrevista por telefone, por isso a necessidade de locomoção do repórter.

² Nascido a 28/10/1930 em Corbeil-Essonnes (França). Filho de pai lituano e mãe polonesa, veio para o Brasil em 1935. cursou a primeira turma da faculdade de Jornalismo da UFRGS, mas não concluiu. Foi colega de Cândido Norberto, Josué Guimarães, Antônio Carlos Ribeiro e aluno de Ernesto Corrêa e Albino de Ben Veiga. Iniciou sua carreira na Revista do Globo, em Porto Alegre, no ano de 1952, passando depois pela Folha da Tarde, A Hora, Jornal do Brasil e *Associated Press* (correspondente).



Recorda que o aparelho passou a ser aceito com o uso feito pelas sucursais, pois até então imperava a desconfiança nessa comunicação a distância.

Outro repórter que experimentou a “selva jornalística” na pele foi **Walter Galvani**³. Criador do sistema de estágios para alunos de jornalismo na imprensa gaúcha, Galvani foi contratado para um período experimental na editoria de esportes do Correio do Povo em 1955 – na época, editado por Cid Pinheiro Cabral – e relembra não ter recebido orientação alguma para realização das primeiras reportagens. Diziam: “Vai lá e ouve o fulano sobre tal assunto”. Comenta ser uma situação comum na época. Comunicado de sua dispensa pelo editor após aquele período (em função de seu fraco desempenho), pediu nova oportunidade e foi atendido.

Em seu processo de formação profissional e moral no Correio do Povo, o jornalista não cita como guia inicial outro profissional do setor, mas o ex-treinador do Grêmio Oswaldo Rolla⁴, com quem aprendeu a ser “honesto, franco e leal”. O técnico mantinha uma alfaiataria na Rua da Praia, onde Galvani apresentou-se dizendo-lhe que tinha uma chance de se tornar repórter, mas que precisava de ajuda, em síntese, de notícias, ato que revela uma atitude de autonomia e humildade. “Assim que aprendi, na marra, no combate”. Chegava na redação com a notícia fornecida por Rolla, sentava-se à máquina e redigia “mal e porcamente”, porque não sabia como fazer. Lembra que era difícil, mas que era assim que se aprendia.

Certa vez, o treinador informou-lhe que dispensaria um goleiro idolatrado pela torcida gremista. O jornalista foi para a redação e escreveu: “Oswaldo Rolla: Sérgio pode seguir o seu caminho”. O jornal circulou e a diretoria do Grêmio foi para o Correio do Povo se reunir com o diretor do veículo, Breno Caldas⁵, e pedir que aquilo fosse desmentido e o repórter demitido. Nessa hora, Galvani ligou para o treinador informando o ocorrido, que em seguida adentrou a sala onde estava a diretoria do Grêmio e, na frente de todos, disse que estava certo o que havia sido publicado.

³ Nascido a 06/05/1934 em Canoas (RS). Já aos 13 anos de idade esboçava o jornal “Ecos de São Luis” junto aos colegas do colégio La Salle. Em 1954, trabalhou no jornal “Expressão”, semanário criado por um grupo de canoenses, dirigido por Túlio Medina Martins, cujo irmão, Lineu Medina Martins, foi responsável pela indicação de Galvani ao Correio do Povo. Trabalhou em todos os veículos da Caldas Júnior até se aposentar.

⁴ Oswaldo Azzarini Rolla (1909–1996). Conhecido como Foguinho. Foi um futebolista, treinador e árbitro de futebol.

⁵ Breno Alcaraz Caldas (1910–1989). Filho de Caldas Júnior, fundador da Companhia Jornalística Caldas Júnior, foi um jornalista que dirigiu a empresa de 1935 a 1989.



Ruy Carlos Ostermann⁶ foi outro jornalista que iniciou sua carreira na Caldas Júnior, na Folha da Tarde Esportiva em 1954, dirigida por Manoel Amorim de Albuquerque (“seu Maneca”), que, como primeira tarefa, indicou ao jovem repórter ir ao aeroporto porque “estava chegando um jogador”. Como não tinha prática na atividade, decidiu ter a curiosidade do leitor, perguntando o que gostaria de saber a respeito dessa pessoa que nunca havia visto.

No começo da atividade, Ostermann não anotava. Ouvia com atenção. Naquela época, lembra que o repórter tinha que aparecer na fotografia publicada no jornal porque podiam levantar a dúvida de que ele não havia feito a entrevista. Após o diálogo com o entrevistado no aeroporto, voltou para a redação, redigiu seu texto e, para sua surpresa, o editor gostou e publicou como praticamente ele havia escrito.

Uma de suas crenças é de que o jornalista precisa se informar. Como exemplo, conta um episódio no qual desembarcou em Porto Alegre um escritor americano e Ostermann foi recebê-lo. Chegou a seu encontro falando o nível de inglês que tinha, mas com grande esforço para se fazer entender. Quando atingiu a exaustão, o escritor perguntou: “Por que não falou em português?”. Deu-se conta de que existe um pressuposto equivocado.

Essa análise pode compor o que **Carlos Bastos**⁷ entende por “sensibilidade jornalística”. O repórter iniciou sua carreira no O Clarín – jornal diário que pertenceu a Leonel Brizola – em 1955. Diferentemente do entendimento geral de que jornalista deve manter-se neutro no tocante a temas como política e esporte, por exemplo, Bastos admite fugir à regra e, mesmo assim, ter conseguido construir sua credibilidade nos veículos em que atuou. Ao mesmo tempo em que mantinha uma coluna política no Jornal do Comércio, era filiado ao PDT; contemporaneamente ao exercício do cargo de editor de esportes da TV Gaúcha, era conselheiro do Grêmio. Sua explicação para esse mérito é que não brigava com a notícia. “Quando era notícia eu dava, contra ou a favor dos meus interesses”.

⁶ Nascido a 26/09/1934 em São Leopoldo (RS). Começou a trabalhar na Folha da Tarde Esportiva, em 1954, quando pela primeira vez utilizou uma máquina de escrever. Na Caldas Júnior, também passou pela Folha da Tarde e Rádio Guaíba, trabalhando na empresa até 1982. Ingressou na RBS a convite de Nelson Sirotsky, que havia sido seu aluno no Colégio Israelita, de Porto Alegre, e lá permaneceu até se aposentar.

⁷ Nascido a 25/07/1934 em Passo Fundo (RS). Em sua carreira, passou por diversos veículos: O Clarín, que pertenceu a Leonel Brizola, A Hora, Rádio Gaúcha, TV Gaúcha, Última Hora, Zero Hora, Jornal do Dia, Rádio Difusora, Rádio Guaíba, Jornal do Comércio e TVE.



Entre os entrevistados para esta pesquisa, quem iniciou sua trajetória profissional mais remotamente foi **Jayme Copstein**⁸. A prática começou nos seus cadernos de aritmética no Ginásio, quando montava seu próprio jornal e já aos 14 anos lia as próprias redações na rádio da escola.

Uma estratégia de reportagem colocada em prática por Copstein foi quando trabalhou no Jornal do Comércio, em 1984, quando deveria conversar com o então presidente do Tribunal de Justiça, que não concedia entrevistas porque alegava ter sempre suas informações deturpadas. Com o desafio de driblar essa barreira, Copstein propôs à fonte gravar a conversa, redigir o texto e levar para sua aprovação. O então presidente aceitou e, após a publicação da notícia, disse ter sido a primeira vez que alguém havia divulgado o que efetivamente havia dito. Como resultado, seguidamente passou a telefonar para Copstein passando-lhe informações exclusivas e sublinhando o valor da confiança na relação profissional.

A proximidade de confiança é foco de crítica de **Liberato Vieira da Cunha**⁹, no sentido de que hoje, na era da comunicação, vive-se a incomunicabilidade entre as pessoas, cada qual olhando para seu “videozinho”. “O jornalismo era menos complicado do que hoje. As pessoas chegavam mais perto uma das outras e eram mais acessíveis. Não havia culto à privacidade absoluta. Havia mais contato humano, mais comunicação”.

A convite da embaixada da Alemanha, estudou no Instituto Internacional de Jornalismo em duas ocasiões. Era o único brasileiro entre professores e colegas alemães, americanos e ingleses. A rotina era marcada pela produção de reportagens diárias, entre as quais algumas que enviava ao Correio do Povo, feitas no computador – instrumento ainda embrionário nas redações brasileiras –, que deixou impressa no jornalista um estilo de profissional preocupado com a exatidão, precisão, veracidade e clareza dos textos. Durante as entrevistas, optava sempre pelo diálogo presencial, por ser mais valioso ao revelar mais do entrevistado, o que, por outro lado, exigia do repórter habilidade em conversar, fazer perguntas e bagagem sobre o assunto tratado.

⁸ Nascido a 07/01/1928 em Rio Grande (RS). Aos 15 anos, já era cronista policial na Gazeta da Tarde. Em Porto Alegre, concluiu o curso de Odontologia na UFRGS e começou na Rádio Farroupilha como redator, passando pelos veículos A Hora, Rádio Gaúcha, Diário de Notícias, Correio do Povo, Jornal do Comércio, Zero Hora, Rádio Pampa e jornal O Sul.

⁹ Nascido a 25/05/1945 em Cachoeira do Sul (RS). Aos 14 anos, iniciou no jornalismo no jornal de sua família (Jornal do Povo). Começou a trabalhar no serviço de divulgação da Secretaria da Educação até ser contratado pelo Diário de Notícias. Em 1969, foi convidado para trabalhar no Correio do Povo onde ficou até 1984, quando ingressou em Zero Hora. Trabalhou nesse veículo até se aposentar.



O segundo entrevistado com início de carreira mais remoto desta pesquisa é **Lucídio Castelo Branco**¹⁰. Começou como auxiliar de repórter, em 1945, e sua função era registrar o boneco das vítimas que seriam divulgadas na editoria de polícia do vespertino A Vanguarda, do Rio de Janeiro. O jornalista recorda que, naquele tempo, praticamente toda imprensa era subsidiada pelo governo (papel, máquinas, tinta, inclusive o salário dos repórteres) e havia ainda os privilégios da categoria: isenção de IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano), boate, cabaré, cinema, teatro, 50% de desconto em passagens aéreas, entre outros. “Uma categoria que se formou e até hoje vive nas asas do poder”.

Castelo foi o responsável pela inauguração da sucursal do Jornal do Brasil em Porto Alegre, em 1964, no prédio onde atualmente funciona a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), e enxerga a si, como repórter, sério na essência e na aparência, pois a característica, somente na primeira, não é suficiente. Trata a confiança como o bem mais precioso de um bom jornalista, responsável por fazê-lo usufruir da liberdade de imprensa, e considera-se ter sido um profissional transparente. “Não escrevia a favor de alguém. Escrevia o que acontecia. Não era articulista. Era repórter. Repórter faz a notícia e a notícia tem que ser verídica. Esse é o princípio da profissão”.

Testemunha de uma época em que os textos jornalísticos eram escritos a pena, o entrevistado observa que, no início de sua carreira, o saudado era o chamado “nariz de cera”¹¹, em que se começava a reportagem descrevendo o ambiental, as pessoas, as circunstâncias etc., para no fim expor o fato.

Outro entrevistado foi **Celito De Grandi**¹². Defensor da reportagem e da figura do repórter – “a parte mais bonita do jornalismo porque é sua busca pela versão mais próxima da verdade” –, Celito não acredita em reportagem feita de dentro da redação e revela-se de uma fase em que, na notícia, descrevia-se o personagem e suas reações.

Entre as reportagens que marcaram sua carreira, orgulha-se da primeira que o possibilitou entrar no Diário de Notícias, em 1961. O então chefe de reportagem Fúlvio

¹⁰ Nascido a 13/11/1926 em Teresina (PI). Começou na profissão em 1945 no jornal A Vanguarda, do Rio de Janeiro. Mudou-se para Porto Alegre em 1949 em função de um concurso na Justiça Federal Militar e trabalhou na Folha da Tarde.

¹¹ Texto introdutório, longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava ambientar o leitor sobre os fatos que seriam narrados a seguir. Geralmente, utilizava linguagem prolixa, com preciosismos e pouco objetiva.

¹² Nascido a 16/02/1942 em Marcelino Ramos (RS). Em Porto Alegre, começou a vida profissional no Diário de Notícias, em 1961, e lá permaneceu até 1970. No mesmo ano, trabalhou em Jornal Zero Hora, assumindo, nesse mesmo ano, a direção da sucursal do jornal Correio da Manhã, em Porto Alegre, onde permaneceu até 1973. Faleceu em 21 de novembro de 2014.



Bastos disse que queria um teste mais vigoroso daquele menino que iniciaria, então foi desafiado a noticiar o ingresso de uma nova noviça no convento das Clarissas, em Porto Alegre. O local era muito restrito, sobretudo para homens, e Celito revela ter usado “aquelas coisas de repórter” para conseguir seu objetivo: bateu à porta do convento às 6h, acompanhado de um fotógrafo, pedindo para falar com a madre. Destaca que deve ter feito um ar tão penalizado naquele horário que a líder aceitou recebê-los.

Por fim, **Jayme Sirotsky**¹³ não atuou em primeira pessoa no fazer jornalístico cotidiano, mas pode-se dizer que organizou as margens pelas quais o rio da atividade percorreu o final do século 20 e início do 21 no Rio Grande do Sul.

Sua história e de seu irmão Maurício Sirotsky Sobrinho¹⁴ está ligada à construção de um dos maiores grupo midiáticos do Brasil, a Rede Brasil Sul (RBS). Seu primeiro contato com a comunicação ocorreu na Rádio Passo Fundo, por volta de seus 15 anos de idade, contratado para fazer locução e preparar textos publicitários e para a rádio-teatro.

A respeito da qualidade jornalística, Sirotsky resgata essa característica nas raízes familiares em que a honestidade, o respeito ao trabalho e os valores comunitários sempre foram preponderantes. Com o tempo, esses elementos foram sendo formalizados nos manuais de redação. A respeito da reportagem, entende que o jornalismo cumpre papel efetivamente importante na sociedade quando é capaz de investigar, criticar e sugerir encaminhamentos e soluções. Para fazer isso, é preciso independência de ordem política e econômica. Para ele, a credibilidade adequada advém do uso dessa liberdade com a responsabilidade necessária. A respeito dos componentes de uma reportagem, adverte não existir a verdade absoluta, ficando o repórter no dever de procurar as informações e transmitir com as diversas versões, por isso a importância do jornalismo investigativo.

4. Conclusões

A nosso ver, um dos contributos de maior relevância desse resgate histórico contado a partir dos seus sujeitos está além da preservação da memória: são os valores e as atitudes de profissionais que tornaram-se reconhecidos pela construção da própria marca pessoal e que podem servir a novos e futuros jornalistas como guia no processo

¹³ Nascido a 13/10/1934 em Passo Fundo (RS). É Presidente Emérito e membro do Conselho de Administração do Grupo RBS. Foi presidente da Associação Mundial de Jornais (WAN), de 1996 a 1998, e presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ/Brasil) por duas gestões.

¹⁴ 1925–1986. Fundador do Grupo RBS.



formativo a que todos se deparam. Apesar dos avanços tecnológicos e das mudanças pelas quais passa a atividade do jornalista, o caráter e os valores daqueles que souberam se destacar permanecem inalterados. Seguindo sob esse prisma, quais valores ensinam a geração de 40? Faremos um esforço no sentido de condensar *alguns* desses elementos.

a) Coragem: observa-se em diversos momentos a pouca ou nenhuma instrução de jovens repórteres na produção de suas matérias. Dois casos que se sobressaem nesse argumento são de Walter Galvani e Ruy Carlos Ostermann, ambos “jogados” pelos seus editores diante do desafio de produzir uma matéria e direcionados apenas por informações elementares, como nome da fonte a ser entrevistada e local. Fato inegável é que esse modelo de formação – possivelmente não planejado pelos editores – compelia o aprendiz a se esforçar e expor seus limites e dotes de forma objetiva.

b) Humildade: valor encontrado na própria atitude de Galvai para continuar seu trabalho na Caldas Júnior e diante da sua fonte Osvaldo Rolla, quando abriu o jogo no sentido de que precisava de notícias. Também verifica-se tal valor no depoimento de Zukauskas quando lembra que o repórter não precisa ser uma “enciclopédia”, isto é, deve reconhecer seus limites e procurar auxílio, não enxergando-se como detentor da verdade.

c) Curiosidade: também identificado na voz de Zukauskas, especialmente quando explica que: “O repórter é o cara que passa por uma aglomeração humana e para”. Para ele, a curiosidade é a chama motora que leva o repórter à ação. Essa visão pode ser enriquecida com a análise de Ostermann ao apontar que, no mundo, tudo significa alguma coisa, num universo repleto de significação, isto é, ao praticar a humildade, o repórter identifica a existência de um significado de determinado objeto e com a curiosidade investiga para trazê-lo à luz.

d) Pedagogia: valor identificado também na voz de Ostermann quando explica que o repórter deve atingir o leitor de maneira cortês e com um conjunto de informações capazes de situá-lo e levá-lo à compreensão da mensagem. Isso também pode ser recuperado nos manuais de jornalismo no sentido de reconstruir um fato de maneira holística, ou seja, sob diversos ângulos, contextualizando e não deixando o leitor abandonado, órfão no sentido de carência de informação.

e) Fidelidade à notícia: valor radical, faz o repórter colocar o interesse noticioso acima dos seus (partidários, religiosos, pessoais etc.). Essa postura foi encontrada na carreira de Carlos Bastos, que, segundo ele, conseguiu manter sua credibilidade como colunista político no Jornal do Comércio mesmo sendo filiado ao PDT e editor de



esportes na TV Gaúcha enquanto ocupava o cargo de conselheiro do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

f) Confiança: mencionado por quase todos os entrevistados, a confiança foi apontada sobretudo no relacionamento entre jornalista e fonte de informação. Nesse jogo de negociação, a tendência é a fonte abrir informações tanto quanto percebe confiança naquele repórter. Ser um profissional de confiança trata também da esfera pessoal do sujeito, ou seja, deve haver coerência em suas ações em função do trabalho e também naquelas praticadas em outros momentos, pois o sujeito é sempre um. Arelada à confiança, está a transparência no sentido de pactos honestos.

g) Insatisfação controlada / persistência: esse valor foi apreendido do depoimento de Celito De Grandi, segundo o qual o repórter deve ser insatisfeito no sentido de não contentar-se com uma primeira resposta a sua investigação. Optamos pelo termo “controlada” porque o trabalho deve ser concluído em algum momento. Dessa forma, o jornalista precisa exercitar seu tato investigativo e interrogativo, escutar pontos e contrapontos sobre determinada hipótese, enriquecer sua análise com informações de diferentes fontes, enfim, esforçar-se por exaurir o tema o tanto quanto possível.

h) Honestidade, respeito ao trabalho e valores comunitários: a fala de Jayme Sirotksy define a linha filosófica do Grupo RBS. Os três valores, aqui aglutinados em função de seu único depoente, podem também ser aplicados na atuação singular do jornalista, não apenas em organizações mais amplas. Dessa forma, o ser honesto e respeitar o trabalho impõem ao profissional uma atitude que reclama outros valores já citados, como a transparência e a confiança, assim como o norteiam a agir com ética nos pormenores da profissão. Em relação aos valores comunitários, pode-se inferir uma postura de participação junto às decisões da sociedade em que o jornalista está inserido, não esquivando-se de afrontar os problemas que dizem respeito ao grupo.

i) Liberdade com responsabilidade: valores também identificados no depoimento de Sirotsky. Tratam do equilíbrio que orienta a ação do jornalista no sentido de superar barreiras impeditivas para execução do seu trabalho ao mesmo tempo em que é limitado pelo saber medir os efeitos de seus atos. Assim, imaginar um cenário de liberdade plena poderia irromper numa irresponsabilidade desfreada, anárquica, sem orientação, mas da forma como foi aludida (com responsabilidade), reclama a necessidade de o esforço jornalístico submeter-se a um interesse público ou maior, acordado e valorizado pelos agentes daquela sociedade.



j) Exatidão e clareza: defendidos por Liberato Vieira da Cunha, que em seu depoimento enfatizou seu aprendizado no sentido de saber fazer uma “sentença declarativa simples”, requer do repórter um pouco o valor pedagógico também comentado por Ostermann, ou seja, transmitir a informação corretamente, mas de forma compreensível para o público a que se destina. No caso do jornalismo, como uma única pessoa se pronuncia para a massa de leitores, ouvintes e telespectadores, há a necessidade do uso de uma terminologia simples, mas sem deixar de lado o estilo e uma certa marca pessoal do autor.

k) Veracidade: outro valor que se aproxima da fidelidade à notícia e da honestidade. Observa-se que muitos valores são interligados. Nesse item, a veracidade trata da necessidade de se divulgar aquilo que foi confirmado, observado e constatado pelo repórter. É o agir com boa fé no sentido de prover informações legítimas e fiéis à realidade.

l) Sensibilidade: por fim, identificamos também a necessidade de uma sensibilidade por parte do repórter, como afirmado por Carlos Bastos, no sentido de “faro” jornalístico (percepção, intuição, sensibilidade para a notícia), isto é, o jornalista conhecedor experiente do processo de produção da notícia, dos prazos, das exigências da audiência adota postura específica que lhe traga maior resultado. Isso pode ser materializado nas escolhas que adota (quem conversar, onde ir, o que perguntar) e no sentido de dirigir sua curiosidade para aquilo que agregue ao seu trabalho, como o cultivo de determinadas fontes aparentemente insignificantes, por exemplo.

Enfim, cabe também questionar: para que servem esses valores? Enxergamo-los como fios condutores de uma postura capaz de oferecer maior vantagem ao jornalista, com conseqüente ganho para a sociedade a que serve. Frutos de experiências de vidas inteiras, não podem ser ignorados, especialmente porque quem os profere são profissionais destacados, reconhecidos, ou seja, carregam conteúdos de valor. Ao mesmo tempo, não é nossa proposta exaltá-los como detentores da verdade. Como humanos, carregam suas virtudes e defeitos. Nossa proposta foi tentar extrair o que poderia ser útil a futuros jornalistas, além de retratar um significativo momento histórico do jornalismo gaúcho.

Finalmente, pode-se inferir que a geração dos jornalistas de 40 vivia uma atmosfera romântica da profissão, ao mesmo tempo em que seus integrantes, na totalidade, mostraram-se profissionais comprometidos e interessados. Apesar de não haver uma estrutura organizativa densa em relação à prática jornalística, sem dúvida



havia o comprometimento de seus agentes. Trata-se de uma geração que conheceu de perto as dificuldades de se trilhar o próprio caminho na estrada profissional.

REFERÊNCIAS

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.

GOMIS, L. **Teoría del periodismo**: como se forma el presente. Barcelona: Paidós, 2004.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002.

NEVEU, É. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia**. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.